

"UMA EXPERIÊNCIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO POPULAR" . "DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER" . NATAL - RN - BRASIL .

Documento apresentado pela delegação Brasileira à Reunião Interamericana de Ministros da Educação, Bogotá, Colômbia. Publicação - SUPERRE - Departamento de Assistência Técnica e Formação de Pessoal - Redação Preliminar - 1963

O analfabetismo é uma das constantes e mesmo uma das características mais marcantes de uma região sub-desenvolvida. Conforme verso e reverso da medalha é causa e efeito do subdesenvolvimento, isto é, sendo causa, inicialmente, de subdesenvolvimento, o analfabetismo passa a ser efeito também, na medida em que se constitui entrave às mudanças das estruturas sociais no trânsito para o desenvolvimento. As regiões só atingem o desenvolvimento depois de passarem pelo processo de erradicação do analfabetismo. Assim aconteceu com os Estados Unidos, a União Soviética, o Japão, o México e outros países.

A PROBLEMATICA EM NATAL

Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, não poderia fugir à regra geral. E, aqui se agravava a situação, pois, o processo educativo entrara num verdadeiro retrocesso. Vinte anos atrás funcionavam na cidade onze (11) grupos escolares, hoje reduzidos a dez (10). Enquanto isso, a população cresceu, multiplicada por quatro, aproximadamente. A educação pública primária passou, assim, por um verdadeiro colapso. A massa de analfabetos cresceu em assustadoras proporções.

O Censo de 1960 aponta-lhe uma população de 154.276 habitantes; dos quais 60.254 analfabetos, cifra possível de ser decomposta em 35.810 crianças e 24.444 adultos. E, num cômputo final, verifica-se que em todos êstes analfabetos, 42.510 não dispunham de escolas em dezembro de 1960.

Ao administrador que se propuzesse a enfrentar o problema a solução não poderia, jamais ser alcançada em moldes acadêmicos. O tempo perdido haveria de ser ganho revolucionariamente. Em outubro de 1960 pela primeira vez na sua história, o município de Natal elegia o seu Prefeito pelo voto popular. E a administração que se iniciava em novembro do mesmo ano trazia matizes de Governo de vanguarda. O Prefeito Djalma Maranhão não se mostrava vinculado ao polo dominante da sociedade, guardando raízes e afinidades com as populações suburbanas. Sua campanha política fôra feita, reivindicando o voto popular, no sentido de construir uma administração que fizesse da "educação e cultura meta número um de governo".

A "Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler" nasceu do trabalho idealista de técnicos, professores, funcionários, estudantes e homens do povo.

CAMPANHA "DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER"

Em 1961, a Prefeitura de Natal, com um orçamento de Cr\$... 111.539.000,00 e um deficit de Cr\$ 43.659,00 consignando Cr\$ 3.756.000,00 para educação começava a "guerra" ao analfabetismo. O

nome da Campanha nasceria de uma reportagem da imprensa, quando um jornalista, noticiando o programa de educação popular que se iniciava em Natal, afirmava que até "de pé no chão também se aprende a ler", querendo dizer que, de agora em diante, educação não era mais privilégio, pois todos teriam acesso à Escola sem fardas, com qualquer roupa e até mesmo sem calçados. Até que enfim a Escola não esperava pelo educando - ia à sua procura, onde ele estivesse.

Hoje, já podemos distinguir cinco fases realizadas na Campanha e registramos o início de mais duas que começam agora. São as seguintes, vistas rapidamente:

PRIMEIRA FASE - Sem dinheiro para a construção de prédios escolares, a Prefeitura apelou para a população: onde fôsse cedida, gratuitamente, sem cobrança de aluguel, uma sala, aí seria instalada uma "escolinha". Sindicatos, sociedades beneficentes, sedes de clubes de futebol, igrejas de todos os credos, residências particulares abriram as suas portas. Aí passaram a funcionar escolas, com as precárias instalações que a Prefeitura poderia oferecer. Depois de dois anos já chegam a cerca de 300 estas "escolinhas" com uma matrícula de 7.536 alunos.

SEGUNDA FASE - O caráter de indeterminação da localização das "escolinhas" e a necessidade de atacar o analfabetismo nos locais mais densamente povoados de analfabetos levou a Prefeitura à fase dos "Acampamentos Escolares". A impossibilidade da construção dos clássicos prédios escolares persistia - mas, havia a premência de uma concentração de escolas junto aos bairros periféricos da Cidade. A solução encontrada foi a construção de "Acampamentos Escolares" : grandes galpões de 30 x 8 metros, cobertos de palha de coqueiro e chão de barro batido. A construção é autenticamente obra de Cultura Popular, usada pelos pescadores das praias nordestinas, herdeira em linha reta da habitação indígena. Uma curiosidade: os operários da Prefeitura não souberam construir o primeiro "Acampamento". Foram chamados os pescadores do "Canto do Mangue", praia das proximidades, conhecedores da técnica da "virada" e da "amarração" da palha.

A escolha do sistema de construção foi consequência da falta de recursos, e surgiu também como resposta às condições ecológicas da região.

O primeiro "Acampamento" marcou o início do trabalho piloto no bairro das Rocas: quatro galpões, com quatro classes cada um e mais um galpão para recreação, reuniões de Círculos-de-Pais-e-Professores e sessões festivas. Funcionamento em três turnos.

Em 1961, construíram-se dois "Acampamentos": Rocas e Carrasco. Em 1962 o número cresceu para nove: Rocas, Carrasco, Quintas, Conceição, Granja, Nova Descoberta, Nordeste, Aparecida e Igapó, cobrindo, assim, os limites da cidade.

TERCEIRA FASE - A terceira fase foi aplicada, somente, no bairro das Rocas.

A pesquisa prévia localizou um resíduo de adultos analfabetos que resistiam a ida à Escola. Executou-se, então, um trabalho com professores-meninos-voluntários que, indo de casa em casa, de porta em porta, alfabetizavam esses adultos não motivados para a escola. Doze Núcleos prestaram serviço em 1962.

QUARTA FASE - Saindo do campo propriamente escolar a Prefeitura em 1962 procurou alcançar as comunidades dos bairros com um programa de democratização da cultura, através das chamadas "Praças de Cultura". Um conjunto de parque infantil, praças de esportes, (volei, basquete e futebol de salão) e uma biblioteca faz a "Praça de Cultura", que, em última instância, é complementação das "escolinhas" ou dos "Acampamentos" que se localizam próximos. Em 1962 foram construídas dez praças das quais duas com as bibliotecas em pleno funcionamento. A praça, neste caso, deixa de ser um ornamento urbanístico para ser um instrumento de cultura popular.

QUINTA FASE - Aqui está um dos momentos altos da luta: "O Centro de Formação de Professores da Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler". Já em funcionamento desde dezembro do ano passado, o Centro está estruturado para ministrar:

- a) Curso de Emergência, Treinamento de Monitores, preparando em três meses pessoal leigo;
- b) Curso Normal de Grau Ginásial, preparando em quatro anos as regentes de classes, com ingresso mediante exame de admissão;
- c) Curso Normal de Grau Colegial, preparando professores com mais três anos de escolaridade.

Antes do "Centro" a Prefeitura fizera funcionar dois cursos isolados de preparação de seu pessoal leigo para o ensino primário, mas, de forma precária.

Este Centro é a cúpula da Campanha e o seu grande suporte. Aparente à realidade brasileira, mantém Cursos de Emergência, onde prepara monitores para a "Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler".

Diante dos resultados obtidos, diversas Prefeituras do interior do Estado já firmaram convênios com o Município de Natal e o Centro recebe bolsistas que, voltando para seus municípios, aplicam o programa de educação popular.

SEXTA FASE - Inicia-se, agora, mais uma fase da Campanha: a aplicação da "Experiência de Alfabetização de Adultos em Trinta horas de Trabalho, do Professor Paulo Freyre". A experiência está em plena elaboração, pois, os trabalhos iniciais da pesquisa, do levantamento do universo vocabular e da matrícula do analfabeto já estão concluídos, em vários setores do bairro das Rocas, que mais uma vez vai ser "Plano Pilôto".

SÉTIMA FASE - Também em fase de início, com matrículas começadas, é a "Campanha de Pé no Chão Também se Aprende uma Profissão", iniciada a primeiro de fevereiro deste ano. Ensinar que um "B" com "A" faz "BA" não basta. Complementando a outra Campanha, a "De pé no chão também se aprende uma Profissão" pretende dar ao homem alfabetizado, através de cursos de aprendizes os instrumentos profissionais para um Nordeste que vai amanhecendo para a industrialização.

Assim, a Campanha iniciou suas atividades em janeiro dêste ano, e já estão funcionando 15 cursos de iniciação profissional, com uma matrícula superior a 600 alunos, atendendo aos seguintes cursos: marcenaria, sapataria, alfaiataria, corte e costura, eletricidade, telegRAFIA, enfermagem de emergência, taquigrafia, datilografia, encadernação, barbearia, bordado à mão, bordado à máquina, artesanato e cerâmica.

OITAVA FASE - O ano de 1963 marcou o início do trabalho do plano definitivo. Não obstante continuar a ampliação do plano de emergência no programa de educação primária, com acampamentos de palha de coqueiro e chão de barro batido, já começa a Prefeitura a utilizar construções pré-fabricadas, visando substituir os galpões de palha por escolas permanentes.

O material dos antigos acampamentos serão destinados a outras áreas, que não podem ser atendidas com as escolas definitivas.

O CRESCIMENTO EM MATRÍCULAS

O crescimento da matrícula vem sendo feito em ritmo pouco comum. Em fevereiro de 1961, os educandos alcançavam pouco mais dos dois mil, para, em dezembro do mesmo ano, fechar a casa dos oito mil e em 1962 chegar a quinze mil alunos.

ORIENTAÇÃO E ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA

O afã de crescer rapidamente sacrificou a burocracia da Secretaria de Educação da Prefeitura (que, inclusive, não estava aparelhada para obra de tamanho vulto) e tumultuou, no início, a orientação pedagógica. Hoje, sem quebrar o ritmo de crescimento consegue-se uma melhor abordagem dos assuntos pedagógicos. Sendo as regentes de classes na quase totalidade de pessoal leigo, porque Natal não dispõe de professores em quantidade suficiente, a orientação pedagógica desempenha um papel nevrálgico, pedra de toque da qualidade do rendimento escolar.

Vinte e seis professoras, com curso pedagógico supervisionam todo o trabalho, orientando cada professora um grupo de vinte regentes leigos de classe. Semanal ou quinzenalmente a direção da orientação pedagógica prepara uma unidade de trabalho que é discutida (às sextas-feiras) com as vinte e seis orientadoras. Aos sábados cada orientadora está discutindo com as suas vinte regentes de classe a unidade de trabalho recebida da direção da orientação pedagógica. Por toda semana a orientadora visita as classes de suas regentes, incentivando, corrigindo, criticando o trabalho pedagógico. Assim, para a Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler uma professora com curso pedagógico vale vinte regentes de classes leigas.

Todo o Grupo de Trabalho de Educação Popular se reúne, semanalmente, sob a direção do Prefeito e do Secretário de Educação para a discussão de problemas e para manter a unidade de trabalho em equipe.

SERVIÇOS E ATIVIDADES COMPLEMENTARES

O difícil para a Campanha não é abrir escolas, pois, com o "deficit" escolar existente onde se instalar uma sala de aula chegam os alunos. O difícil é promover a assistência permanente; exigir uma qualidade de ensino cada vez melhor, apesar do pessoal leigo na regência das classes; abastecer de material "Acampanamentos" e "Escolinhas" uma vez que o livro, o caderno, o lápis, são distribuídos gratuitamente, pois, a população que frequenta a Campanha não dispõe de recursos para adquirir os seus instrumentos de estudos. Assim, atividades complementares assumem importante papel, como:

A PESQUISA - Que localiza, num trabalho prévio de erradicação do analfabetismo, os educandos adultos e crianças. É este mesmo serviço utilizado na contenção da evasão escolar, mantendo entrevista com as famílias, estimulando-as a encaminhar os seus filhos à Escola.

CÍRCULOS DE PAIS E PROFESSORES - Estudando o problema educativo através do binômio Escola-Família, os círculos têm ajudado na

promoção da integração da Campanha na comunidade. Em 1963 os Círculos se preparam para ser um instrumento de politização -- nova meta a ser alcançada.

RECREAÇÃO INTENSIVA - Além da recreação própria os "Acampamentos" possuem parques infantis e regentes de classes que se especializaram em recreação. A recreação orientada tem sido o fator neutralizante da comum evasão escolar.

MERENDA ESCOLAR - É outro fator que combate a evasão escolar. A merenda, diante da pauperização das áreas onde atua a Campanha, vem assumindo cada vez mais o papel de forte motivação escolar. Muitas vezes a merenda escolar é a primeira refeição do educando. Esta merenda se enriquece na medida em que os alunos trabalham mais nos aviários e hortas.

EDUCAÇÃO PARA A PRODUTIVIDADE: AVIÁRIOS E HORTAS - Os "Acampamentos" estão aparelhados de hortas e já contam com dois aviários. A produção deles é consumida pelos alunos na merenda diária - o que é um estímulo para o cuidado maior com as hortaliças e as aves. A Campanha desperta o educando para a produtividade, demonstrando que as comunidades precisam se organizar na luta contra o pauperismo e a alienação da realidade. A educação simplesmente livresca já tem o seu atestado de óbito passado.

BIBLIOTECAS ROTATIVAS - Além dos postos de empréstimos ou bibliotecas populares, que funcionam nas Praças de Cultura, cada Acampamento dispõe de uma biblioteca. Estas últimas funcionam em sistema de caixas rotativas que demoram cerca de dois meses em cada Acampamento Escolar, quando, então, se promove o rodízio. Cada caixa dispõe de cem livros, e, não havendo repetição de títulos de volumes de uma caixa para outra, na conclusão do rodízio das nove caixas, cada Acampamento terá ganho uma biblioteca de novecentos livros. Cada caixa de biblioteca contém livros pedagógicos para formação no magistério, obras didáticas e de literatura infanto-juvenil e de adultos.

CÍRCULOS DE LEITURA - Sob a supervisão da Diretora do Acampamento, que é a Orientadora Pedagógica, as regentes de classe organi-

zam círculos de leitura, à base das obras pedagógicas para formação de magistério, quando procuram aperfeiçoar os seus conhecimentos. Na maioria dos Acampamentos Escolares êstes Círculos de Leitura se reúnem semanalmente.

Também nas classes, os livros de Biblioteca são utilizados para leituras em comum e interpretação de suas histórias infanto-juvenis.

TEATRINHO JOÃO REDONDO - O setor da recreação tem usado com êxito o teatrinho de fantoches, nas festas escolares e nos círculos de pais e professores. A Campanha, na busca de sua autenticidade cultural, usa o nome do Teatrinho João Redondo, denominação popular no Rio Grande do Norte para êste tipo de representação artística.

PROGRAMA DE RÁDIO - Complementando o trabalho local que se faz em cada comunidade, a Campanha atinge todo o Estado através de um programa de rádio levado diariamente ao ar, de 11,30 às 12,00 horas, pela Rádio Nordeste. O programa é feito à base de esquetes, músicas, debates, informações e se dirige ao público infante - juvenil com finalidades educativas.

RENDIMENTO DA APRENDIZAGEM - Infelizmente, até o momento da redação dêste documento a pesquisa e a tabulação da verificação da aprendizagem ainda não estava pronto. Espera no entanto a Diretoria do Ensino e a Direção Técnico-Pedagógica, que os rendimentos de 1962 tenham superado de muito os obtidos em 1961 que alcançaram uma margem superior a 60%.

CUSTOS

Alinhamos, em seguida, alguns cálculos de custos e de funcionamento dos Acampamentos escolares:

1. Construção de um galpão

Discriminação	Custo Unitário Cr\$	Custo Total Cr\$
2.000 palhas de coqueiro para cobertura	5,00	10.000,00
10 quilos de prego	240,00	4.800,00
madeira	-	53.700,00
Argamassa de barro batido	-	5.000,00
Mão-de-obra de construção	-	21.500,00
T O T A L	-	95.000,00

(noventa e cinco mil cruzeiros)

* Atualmente, Cr\$ 800,00 equivale a 1 dólar.

Um galpão tem quatro salas. Preço de construção de uma sala de aula - Cr\$ 23.750,00.

2. Instalações necessárias ao funcionamento de um Galpão

Discriminação	Custo Unitário Cr\$	Custo Total Cr\$
60 carteiras	1.800,00	108.000,00
4 tamboretes	210,00	840,00
4 mesinhas	1.400,00	5.600,00
4 quadros negros	900,00	3.600,00
4 quadros murais	1.300,00	5.200,00
4 filtros	800,00	3.200,00
4 apagadores	60,00	240,00
Instalações elétricas	-	14.500,00
T O T A L	-	141.180,00

Prêço das instalações de uma sala de aula Cr\$ 35.295,00.

3. Funcionamento de um galpão durante um ano letivo

Discriminação	Custo Unitário Cr\$	Custo Total Cr\$
Grupo de Trabalho de Educação Popular	-	187.800,00
Gratificações a professores	2.000	288.000,00
Material escolar	-	40.000,00
Água, energia elétrica	-	20.000,00
T O T A L	-	535.800,00

Funcionam no galpão 12 classes durante o ano.

Custo do funcionamento de uma classe por ano letivo Cr\$
44.650,00. Cada classe tem 30 alunos. Custo por aluno Cr\$ 1.488,00.

Observação - Estes prêços correspondem aos custos vigentes em janeiro de 1962.

"DE PÉ NO CHÃO É EXPERIÊNCIA"

A "Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler" ainda é experiência. Pode-se afirmar, no entanto, é que está aberta uma nova perspectiva para qualquer região sub-desenvolvida responder ao desafio do analfabetismo.